

## Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

# Piora no cenário econômico global

» ARMANDO CASTELAR

Professor da FGV Direito Rio e do Instituto de Economia da UFRJ e pesquisador associado do IBRE/FGV

Semana passada, o Fundo Monetário Internacional (FMI) atualizou seu Panorama Econômico Global. Como esperado, o fundo reduziu a projeção de crescimento e elevou a de inflação, reflexo do impacto estagflacionário da guerra entre Rússia e Ucrânia, e das sanções adotadas em reação a ela. O tamanho das revisões, porém, surpreendeu.

A projeção de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) mundial este ano ficou 0,8 ponto percentual (pp) abaixo do previsto três meses atrás, indo de 4,4% para 3,6%. Também a alta do PIB em 2023 foi revista para baixo, para 3,6%, desacelerando mais nos anos seguintes, até atingir 3,3% na média de 2026-27. No todo, um ritmo fraco, abaixo da média de 3,8% observada de 2000 a 2019.

A piora foi mais intensa na área do euro, onde, agora, se espera que o PIB cresça 2,8%, 1,1 ponto percentual a menos do que antes, e menos dramática nos Estados Unidos, onde o FMI agora prevê que o PIB cresça 3,7% em 2022, contra uma taxa anterior de 4%. Também para outros países ricos, como o Reino Unido (-1,0 pp) e o Japão (-0,9 pp), o FMI reduziu as projeções de crescimento.

O desempenho esperado para as economias emergentes também piorou — na média, um corte de 1 ponto percentual na expansão prevista. Há, porém, diferenças relevantes de uma região para outra, refletindo a sensibilidade de cada uma à guerra. Assim, o fundo agora espera uma forte retração do PIB dos emergentes europeus (-2,9%), puxada por quedas de 35% no PIB da Ucrânia e de 8,5% no da Rússia.

O crescimento dos emergentes asiáticos, por sua vez, foi reduzido em 0,5 ponto percentual, refletindo não só os efeitos da guerra, mas também as repercussões negativas sobre a atividade da política de combate à covid-19 praticada na China. Por fim, o crescimento previsto para a América Latina foi elevado em 0,1 ponto percentual, para 2,5%. No caso do Brasil, em especial, o FMI elevou sua projeção de PIB este ano em 0,5 ponto percentual, para 0,8%, ainda que reduzindo aquela para 2023 em 0,2 ponto percentual, para 1,4%. No todo, portanto, um desempenho bastante fraco, dado o potencial de nossa economia.

Por seu lado, o FMI subiu as projeções de inflação. Ele agora espera que os preços ao consumidor subam 5,7% este ano nas economias avançadas e 8,7% nos países emergentes. Essas taxas são, respectivamente, 1,8 e 2,8 pontos percentuais mais altas do que as esperadas três meses atrás. A inflação projetada para 2023 também subiu, para 2,5% nos países desenvolvidos e 6,8% naqueles em desenvolvimento.

A forte alta dos preços das commodities,



em especial as de energia e alimentícias, explica grande parte dessas revisões. O FMI, agora, espera que o preço do petróleo suba 55% este ano, 43 pontos percentuais a mais do que previa em janeiro, enquanto o preço das demais commodities deve subir 11%, 8 pontos percentuais a mais do que o esperado há três meses.

A alta inflação vai aumentar a pressão sobre os bancos centrais, que devem reagir apertando a política monetária. Esse é outro componente que explica o menor crescimento projetado para este ano e, em especial, 2023. De fato, muitos analistas preveem que a economia americana entre em recessão no final do próximo ano, cenário que só será evitado na Europa devido à política fiscal mais expansionista adotada em reação ao efeito contracionista da guerra na região.

Como aponta o FMI, o cenário ora apresentado vem acompanhado de riscos elevados, relativos não apenas à duração e à extensão da guerra e à profundidade das sanções adotadas em reação a ela, mas também à dinâmica inflacionária dos próximos anos.

A tendência, aponta o fundo, é que a inflação siga alta ainda por alguns anos. Mas, dependendo de quão alta e por quanto tempo, ela pode exigir uma resposta mais dura dos bancos centrais do que se prevê atualmente. Em isso ocorrendo, as repercussões para as economias emergentes podem ser significativas, com a fuga de capitais, a desvalorização das moedas e contrações significativas do PIB.

Esse cenário seria ainda mais complicado pela situação relativamente vulnerável das contas públicas em diversos países, fruto dos gastos e das dívidas elevadas contraídas em resposta à pandemia da covid-19. Taxas de juros mais altas e menor crescimento vão limitar o espaço para políticas sociais mais agressivas, potencialmente agravando o impacto sobre os vulneráveis de uma deterioração do cenário econômico global.

O Brasil está bem posicionado para enfrentar um cenário como esse. Porém, isso vem em parte dos altos preços das commodities. A desaceleração do PIB mundial, em especial da China, e a valorização do dólar podem derrubar esses preços e complicar a situação.

## Cutucando a onça com vara curta

Não há quem possa desconhecer o fato de que o pilar a dar base e sustentação, em todo o mundo, tanto às ditaduras de esquerda quanto às de direita, assim como para preservação das democracias, tem sido, ao longo da história, as Forças Armadas. São elas, mais do que qualquer outra instituição, que garantem o regime do plantão, sejam baseados em leis justas ou não.

No nosso país, o caso não é diferente. De acordo com o artigo 142 da Constituição do Brasil de 1988, as Forças Armadas “destinam-se à defesa da pátria, à garantia dos poderes constitucionais e, por iniciativa de qualquer destes, da lei e da ordem”. Leis, ordens, instituições, garantia dos poderes e outras incumbências são dadas às Forças Armadas. Isso, por um motivo que parece despercebido de muitos, pelo fato de serem uma instituição de força armada e treinada para guerras ou conflitos.

Em países como Venezuela, Cuba, China, Rússia, Coreia do Norte e outros espalhados pelo planeta, onde os regimes de governo ditatoriais são a regra, é graças ao apoio dessas forças armadas que os mandatários, mesmo aqueles mais sanguinários e tirânicos, fazem prevalecer suas vontades e caprichos. Alguns pacifistas e adeptos do desarmamentismo mais realistas que os reis chegam a afirmar que a existência de guerras e conflitos pelo mundo, ao longo da história, podem ser debitados, exclusivamente, à existência de forças armadas, que têm, atrás de si, um poderosíssimo conglomerado de empresas que fabricam produtos bélicos de toda a espécie.

Ao longo de 2020, os gastos militares no mundo atingiram mais de 2 trilhões de dólares. No Brasil, no mesmo ano, as despesas com defesa somaram R\$ 8,1 bilhões, a maior parte consumida com pessoal. O Brasil ocupa hoje a 13ª posição mundial no gasto com armamentos, cerca de R\$ 22,8 bilhões anuais, segundo lista elaborada pelo Stockholm International Peace Research Institute. De acordo com o International Institute for Strategic Studies, o Brasil, está no 11º lugar com gastos de R\$ 24,3 bilhões. São despesas insignificantes perante países como os Estados Unidos, China ou Rússia, mas ainda assim demonstram, de modo convincente, que o reforço bélico das instituições armadas é sempre uma prioridade de Estado, também aqui por uma razão prática: a garantia de governos, democráticos, ou não.

Temos assim, numa primeira reflexão, que concluir que tanto democracias quanto tiranias dependem das Forças Armadas para existir e se impor. Tudo isso nos leva a um outro raciocínio: a espécie humana parece reconhecer apenas nas forças de persuasão armadas o único poder capaz de controlar e impor as leis. Dessa forma, temos que admitir que a existência da democracia e suas vertentes dependem, de forma vital, das Forças Armadas. Por outro lado, pode inferir ainda que qualquer indivíduo ou grupo que venha a obter ascendência sobre as Forças Armadas, também poderá garantir a imposição de suas vontades, sejam elas quais forem.

Trata-se de um assunto que, ao contrário do que possamos pensar, é mais delicado do que uma pena de beija-flor, mas tão áspere quanto a ponta de uma baioneta. Reflexões do gênero nos levam a pensar no perigo que todos corremos quando observamos personalidades da vida nacional, de todas as matizes ideológicas, entram num jogo insano de aqularem as Forças Armadas, jogando uns contra os outros, desejando francamente e, mais uma vez, a abertura dos portões dos quartéis e o avanço dos canhões, numa ação que nos faz lembrar o antigo preceito de não cutucar a onça com vara curta.

### » A frase que foi pronunciada

“Afirmar que as Forças Armadas foram orientadas a atacar o sistema eleitoral, ainda mais sem a apresentação de qualquer prova ou evidência de quem orientou ou como isso aconteceu, é irresponsável e constitui-se em ofensa grave a essas Instituições Nacionais Permanentes do Estado Brasileiro. Além disso, afeta a ética, a harmonia e o respeito entre as instituições.”

General Paulo Sérgio Nogueira de Oliveira, em resposta às declarações do ministro Barroso

### La Paz

» Uma fatalidade aconteceu com a líder de movimento pró-aborto, depois de abortar legalmente, na Argentina. María del Valle González López teve 23 anos de vida até optar por matar o filho dentro do ventre. Por obra do destino, o registro da morte da ativista foi o primeiro registrado desde o momento em que aquele país passou a aprovar esse tipo de assassinato. O procedimento ocorreu em La Paz, um município da província de Entre Ríos na Argentina.

### Idosos

» Reconhecido o trabalho da Casa do Ceará na Pousada Crysantho Moreira da Rocha, foi encaminhada uma proposta para a Secretaria de Desenvolvimento Social do Governo do Distrito Federal para o aporte a 20 idosos. Atualmente, o governo dá cobertura financeira para a internação de só sete idosos. O presidente da Casa, José Sampaio de Lacerda Júnior, e sua equipe acompanham o trâmite da papelada com esperança.

### » História de Brasília

O regime não funciona, não é por isso não. É porque todos os ministros são uns eternos turistas e, o que é pior, turistas sem planos. O ministro da Viação, que faz planificação de trabalho, pode apresentar resultado positivo. Os demais, coisíssima alguma. (Publicada em 21/2/1962)

## Abrace e Brasília, um caso de amor

» ROBERTO NOGUEIRA FERREIRA

Economista e primeiro presidente da Abrace

Primeiro de maio de 1986. A mãe de uma criança em tratamento de leucemia no Hospital de Base de Brasília (HBB) sai da própria dor e abraça a dor coletiva.

Nasce a Associação Brasileira de Assistências às Famílias de Crianças Portadoras de Câncer (Abrace). Sua primeira diretoria firma, no mesmo dia, 10 diretrizes fundamentais, dentre as quais destaca: “Busca da melhoria das condições hospitalares, locais de tratamento e internação, medicamentos e equipamentos”.

Corte para informar: neste maio de 2022, a Abrace encerrará o processo de compra de um aparelho de ressonância magnética e o instalará no Hospital da Criança de Brasília Jose Alencar.

Janeiro de 1992. Dirigentes da Abrace e autoridades do GDF, incluindo seu governador, visitam as ruínas abandonadas desde 1985 dos alicerces do que seria um hospital. Naquele momento, o então governador decide retomar as obras que resultaram na entrada em operação, em 1994, do Hospital de Apoio.

Corte para informar que, em 1993, a Abrace passa a ocupar, por cessão de uso do GDF, a antiga “residência oficial” do administrador do Guarã, no Cave, e lá instala o Núcleo de Apoio aos Assistidos. Recupera o ambiente, constrói um espaço pedagógico, além de modernas e pioneiras quitinetes para acolher crianças transplantadas.

Em 2003, a Abrace e o GDF lançam a “pedra fundamental” do Hospital da Criança de Brasília José Alencar (HCB), inaugurado em novembro de 2011. O GDF cede o terreno, a

Abrace contrata o projeto e constrói a Fase I do HCB com recursos captados na sociedade de Brasília e fora dela, sem nenhuma implicação orçamentária.

Corte para informar que, conforme Termo de Cessão de Uso, uma vez construído, a Abrace repassa o HCB ao patrimônio do GDF para operação via Sistema Único de Saúde (SUS) e administração de um instituto criado pela Abrace — Icipe — sem nenhum fim lucrativo ou envolvimento político.

O GDF queria que a Abrace o administrasse, mas a associação não nasceu para administrar hospitais e sim para prestar assistência social, na esperança, quase sempre vã de o exemplo arrastar o poder público na mesma direção e sentido. Sêneca, no caso, frustrou-se.

Corte para voltar a 1995. Naquele ano, a Abrace era parte do então existente Conselho Gestor do Hospital de Base. Dele fez parte e o presidi por um ano. Ressoa em mim o constrangido depoimento de um representante governamental, em reunião no histórico Auditório Tancredão, no HBB: “O câncer não tem prioridade orçamentária”. Tempos idos? Não! Há riscos orçamentários, 27 anos depois, para o perfeito funcionamento do HCB no segundo semestre de 2022.

Em todos esses eventos está o DNA da Abrace, seus valores e princípios firmados naquele já longo 1º de maio de 1986. Orgulhamo, como um dos fundadores, primeiro presidente e atual membro de seu Conselho Consultivo, que, em momento algum, a Abrace tenha se deixado cooptar por injunções políticas

partidárias ou não, ainda que legítimas.

As crianças enfermas e as suas famílias são o vetor político da Abrace. São elas que nos governam. A elas dedicamos nossos votos. Permitir que alguém utilize os dramas de cada um em troca de projeção social e política é corromper valores, virar ao avesso o conceito do ato de voluntariar, essencialmente um ato de amor, cuja recompensa é o retorno de mais amor.

O exercício da solidariedade pressupõe ausência de ganhos de qualquer espécie, senão o prazer individual do bem querer, do bem fazer, ainda que seja possível perceber, até com certa frequência, o uso da solidariedade com fins de promoção social, política e até econômica, condição que a Abrace renega e combate, pois aí já não se estaria falando em solidariedade, mas, sim, de seu avesso, de interesses outros, próprios de narcisos sociais.

Aquela mãe de 1º de maio de 1986, Maria Angela Marini, hoje, 36 anos após, preside a Abrace. E o faz com o mesmo espírito e sentimento, valores e expectativas daquele momento em que o destino cruzou seu caminho. Redimido, o destino lhe concede a oportunidade de continuar transformando dor em amor.

Abraçada pela sociedade da sexagenária Brasília, pela mídia em geral e pelo Correio Braziliense em particular — nosso jornal de ontem, hoje e sempre. A Abrace é uma construção coletiva, pois só o nada se constrói a sós. Ao completar 36 anos, é necessário agradecer a todos, com o coração pleno de gratidão.